

Maternidade, Paternidade e Filiação à Luz das Tecnologias de Reprodução Assistida

Artigo | Trabalho elaborado pelo Grupo Pro-Criar – Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Katya de Azevedo Araújo

Mara Horta Barbosa

Maria Isabel Ribas Pacheco

Patrícia Poerner Mazon

Renata Viola Vives

Membros do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Atualmente, observamos os diversos avanços tecnológicos na área de reprodução humana, as chamadas reproduções assistidas. Esses avanços, entretanto, têm gerado diversos questionamentos éticos, sociais e culturais em nossa sociedade.

Sabemos que a tecnologia possibilita o crescimento da ciência, trazendo benefícios inestimáveis. A reprodução assistida consiste no manejo de técnicas que possibilitem a casais e indivíduos gerarem os filhos que desejarem ter. Ocorre de forma assexuada, ou seja, a fecundação não se faz através do ato sexual entre parceiros, mas através da manipulação de óvulo e sêmen, que podem ser do casal ou de doadores, rompendo-se a relação natural existente entre fecundação e sexo.

É inegável que essas novas tecnologias produzem uma assistência àqueles indivíduos que não podem ter filhos; por outro lado, a ideia de que toda a mulher precisa ser mãe pode oferecer soluções indiscriminadas, colocando ênfase na reprodução como mandato biológico, deixando de lado a maternidade como resultado do desejo e do psíquico.



Ao longo dos tempos, a esterilidade foi considerada um estigma e, apesar de poder afetar ambos os sexos, tradicionalmente foi atribuída às mulheres, como se o ser mãe fosse uma condição para toda a mulher, como um mandato da natureza e da cultura, tanto no discurso social quanto como um destino fundamental da sexualidade feminina.

Ribeiro (2004) descreve a esterilidade como um sofrimento silencioso, podendo os casais que passam por essa situação vivenciá-la como algo que os inferioriza diante dos outros, além de uma busca por algo que justifique a esterilidade como um castigo divino, como uma injustiça. Tal situação gera intensos sentimentos de raiva, culpa e depressão, além de sentimentos de fracasso e vergonha.

O que a “natureza” impediu que se realizasse, então, encontra uma solução na razão, ou seja, na ciência.

Para Glocer Fiorini (1999, 2001), desde a origem da cultura nunca houve questionamentos acerca do que é uma mãe. Na verdade, a categoria “mãe” sempre foi pouco questionada pela religião, pela filosofia e pela mitologia. Diga-se de passagem, a figura da Virgem Maria, que mesmo virgem manteve plenamente seu *status* de mãe, mantém separadas as categorias da sexualidade e da maternidade. Nesse contexto, a certeza da maternidade sempre se opôs às dúvidas quanto à paternidade. Atualmente, as novas técnicas de reprodução assistida desafiam essas certezas, nos fazendo questionar também o conceito de maternidade.

No início, o ainda casal começa a formar sua família na fantasia. O bebê surge como parte de um projeto. Quando o casal se depara com a impossibilidade de levar esse projeto adiante, tem de se enfrentar certamente com uma ferida narcísica. Esses casais, conforme Pines citada por Ribeiro (2004), acabam se confrontando com o fato de não poderem gerar/ter filhos como seus pais, sendo necessário elaborar a perda da capacidade de procriação natural. Então, buscam o auxílio de profissionais especializados, capazes de realizar seu sonho. São renovadas as expectativas, criam-se novos sonhos, mas estes podem vir acompanhados de novas perdas e frustrações. O desejo de maternidade ou paternidade fica embebido desses desgostos e possivelmente essa conjunção de fatores estará presente nos processos de desenvolvimento dessa família.

Assim, podemos nos perguntar: como se estrutura a fantasmática nessas casais? Para Glocer Fiorini (1999), nesse contexto se faz necessário repensar o desejo do filho. Afirma que podem ocorrer alterações no sistema de parentesco e nos modos de filiação, o que implica modificações nos processos de subjetivação, criando um campo impreciso com as novas formas de organização simbólica e, por outro lado, um apagamento da subjetividade. O surgimento dos pais simbólicos faz parte não só de uma função biológica, o que é transmitido vem atravessado por lutos e perdas. O destino dessas crianças e famílias dependerá de como tudo isso será significado nesse grupo familiar.

Para Rodolfo (1990),

[...] quando nos perguntamos o que é criança, em psicanálise, localizamos certas coisas que denominamos significantes, as quais têm muita relação com a formação dessa criança; porém essas coisas não são necessariamente produzidas por ela, inventadas por ela, nem ditas por ela; em vez disso, costumamos encontrá-las em lábios e ações daqueles que a rodeiam (p. 25).

Glocer Fiorini (1999) fala em fraturas genealógicas ou filiações quebradas ou alteradas que podem ser produzidas a partir das novas tecnologias de reprodução assistida. Por exemplo, podemos nos perguntar: quem é a mãe – a que doa os óvulos ou a que gesta? Ou: o que se passa no psiquismo de um bebê, filho de um casal homossexual, gerado através da doação de sêmen? Como, a partir disso, podemos também tomar a fantasia da cena primária, quando há a percepção e o conhecimento de um “fazedor” externo da vida, de uma cena primária tecnológica, de um ato de engendramento que se dá no exterior do corpo?

A autora enfatiza a necessidade de diferenciar, nessas situações, o amor narcisista, que não reconhece o filho como objeto nem reconhece sua alteridade, de um amor objetal que permitiria a discriminação do outro. O primeiro estaria nas bases da compulsão à repetição, dos mandatos tanáticos que fariam do filho um prolongamento indiferenciado da mãe; o segundo reconhece a diferença, os limites, a separação.



Piera Aulagnier (1979) parece sintetizar essas ideias, ao descrever que a maternidade, a paternidade e a filiação não são aspectos somente biológicos, pois, mesmo antes de nascer já trazemos a marca do simbólico. Nossa identidade, muito mais que o nome e sobrenome, é fundada pelo cumprimento das funções materna e paterna. O filho será significado a partir do que lhe foi posto por aqueles que o rodeiam. O lugar na família será possível a partir do lugar que se consigna a uma criança no mito familiar. Independentemente de como será gerada a criança, é o desejo e o discurso dos pais o que define o lugar que o filho ocupará na família, e a conjunção desses fatores contribuirá para que o filho conquiste uma adequada estabilidade, sua maturidade psíquica e sexual, o que pode possibilitar seu ingresso na subjetividade adulta.

Relatamos, a seguir, uma vinheta clínica.

Em uma entrevista, dizia Luiza, cujo marido tem uma quase total azoospermia, não sendo capaz de fecundá-la e depois de já terem passado por uma fertilização com gametas de ambos, que não teve sucesso: “[...] me ofereceram engravidar com a doação de espermatozoides, mas, para mim, isso está fora de questão, prefiro, então, não ficar grávida. Isso para mim seria como trair meu marido. Como vou deixá-lo de fora de algo tão nosso?”.

Para Luiza, gerar uma vida pode ser um ato, fruto do encontro de dois diferentes. Nela pode estar presente a alteridade, a diferença sexual e a falta. Mas para Luiza pode também estar presente uma ideia incestuosa muito assustadora e proibida, pois nega a possibilidade de gerar um filho com gameta de outro homem, um homem “não permitido para ela”. Temos que lembrar que, mesmo na adoção, lidamos com terceiros envolvidos na concepção, com desconhecimento e incertezas, e que o fato de gerar através da recepção de gametas de um terceiro não necessariamente represente a negação da alteridade e da falta.

As técnicas de reprodução assistida podem ser usadas de modo a desumanizar, não subjetivar a criação como aparece muitas vezes no discurso de indivíduos, casais e médicos, onde tudo se reduz a concretude da junção de dois gametas. No entanto, a reprodução assistida pode ser de grande ajuda para casais que não conseguem a fecundação natural.

Lembramos que tudo depende dos motivos inconscientes de quem as busca (e oferece), e não da técnica de reprodução assistida propriamente dita.

Essa vinheta clínica nos suscita vários questionamentos, exigindo um trabalho psíquico para tentarmos dar conta destes, por serem situações inusitadas, hoje em dia cada vez mais comuns em nossa sociedade. Vemos-nos impelidos a nos engajar, estudando as novas propostas que vão surgindo no decorrer da caminhada incerta que nos propõe a evolução da espécie e entender os meandros dessas subjetividades sem parâmetros *a priori* e sim com uma escuta psicanalítica para o que está por vir. Ficam alguns pontos para debate e nos apoiamos em Theodor Fontane, mencionado por Freud (1930), no “Mal-Estar na Civilização”:

[...] a vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la não podemos dispensar as medidas paliativas (FREUD, 1930, p. 93).

Referências

- AULAGNIER, Piera. **A Violência da Interpretação** – do Pictograma ao Enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI
- GLOCER FIORINI, Leticia. El deseo de hijo: de la carencia a la producción deseante. **Revista de Psicoanálisis**, APA, t. LVIII, n. 4, octubre/diciembre, 2001.
- _____. Maternidad sexualidad femenina a la luz de las nuevas técnicas reproductivas. **Revista de Psicoanálisis**, APA, t. LVI, n. 3, 1999.
- MELGAR, Maria Cristina. Procreación Assistida (natural-artificial) en la cultura contemporanea. **Revista de Psicoanálisis**, APA, t. LII, n. 3, julio-setiembre, 1995.
- RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. **Infertilidade e Reprodução Assistida: desejando filhos na família contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.



RODULFO, R. **O Brincar e o Significante**: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Katya de Azevedo Araújo

Rua Tobias da Silva, 137 / 208

90570-020 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: katyaaraujo@terra.com.br

Mara Horta Barbosa

Rua Dona Laura, 354 / 306

90430-091 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: maracarlet@gmail.com

Maria Isabel Ribas Pacheco

Rua Tobias da Silva, 137 / 407

90570-020 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: belpacheco_psico@hotmail.com

Patrícia Poerner Mazon

Av. Independência, 172 / 403

90035-904 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: patriciamazon@terra.com.br

Renata Viola Vives

Rua Dona Laura, 354 / 405

90430-091 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: renatavives@gmail.com